CARTA CIRCULAR AOS COIRMÃOS 2015

Roma

Capa:
Vitral da Igreja Paroquial da Ressurreição em Kościerzyna, na Polônia.

Tradução:
Pe. Evandro Miranda Rosa, C.R.

Diagramação:
Viviane Cristina de Oliveira

CARTA CIRCULAR
AOS COIRMÃOS

SOBRE A NOSSA IDENTIDADE RESSURREICIONISTA POR OCASIÃO DO ANO DA VIDA CONSAGRADA

Roma, 2015

Repassar a própria história é indispensável para manter viva a identidade e também robustecer a unidade da família e o sentido de pertença dos seus membros.
*(Francisco, *Carta Apostólica*, I,1)

Caros Coirmãos,

A celebração do atual Ano da Vida Consagrada, em ocasião dos 50 anos da promulgação da Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, e o Decreto sobre a Renovação da Vida Religiosa, *Perfectae Caritatis*, me obriga a vos convidar a uma reflexão partilhada sobre a nossa identidade Ressurreicionista. Inevitavelmente, a base desta reflexão, individualmente e coletivamente, deve ser a partir de uma perspectiva histórica das origens da Congregação, do seu crescimento e desenvolvimento. Portanto, como declarou Papa Francisco – "Não se trata de fazer arqueologia nem cultivar inúteis nostalgias, mas de repercorrer o caminho das gerações passadas para nele captar a fagulha inspiradora, os ideais, os projetos, os valores que as moveram, a começar dos Fundadores [...] e das primeiras comunidades" (Francisco, *Carta Apostólica*, I,1).

Seguindo estas linhas, gostaria que esta carta circular vos provocasse ou avivasse conversas e discussões sobre a nossa *identitas*, que requer um "contínuo exame da fidelidade ao Senhor, da docilidade ao seu Espírito, da atenção inteligente às circunstâncias e da visão cautamente voltada para os sinais dos tempos, da vontade de inserção na Igreja" (*Mutuae Relationis*, [1978], 12).

1. O Convertido é Instrumento de Conversão para Outros

Tudo é instrutivo, tornando-se simultaneamente apelo à conversão.
(Francisco, *Carta Apostólica*, I, 1)

Não é um segredo para ninguém que nosso Fundador, o Servo de Deus Deodato Jański (1807-1840), quando jovem, despencou em pro-

* Francisco, *Carta Apostólica* às Pessoas Consagradas para a Proclamação do Ano da Vida Consagrada, 21 de novembro de 2014.

fundezas morais e, a partir de então, tocado pela graça de Deus, decidiu mudar completamente a sua vida em "uma verdadeira vida cristã" (*Diário*, p.320) e se reerguer para as alturas da santidade. Ao mesmo tempo, ele era consciente que a base para um despertar espiritual não se encontra no esforço extraordinário e no desejo de se tornar uma pessoa melhor, mas na ação de Deus. Ele humildemente confessa: "Isso era vosso desejo, ó Deus misericordioso! Foi vossa graça que realizou isso, não algum merecimento, trabalho ou raciocínio meu" (*Diário*, p.161). O culmine sacramental de sua conversão na confissão e na santa comunhão foi, sem dúvida, o momento decisivo para ele: "Um dia da minha vida que sempre será solene! Dia de uma nova aliança com Deus!" (*Diário*, p.166); mas este é também – e talvez seja a coisa mais importante – um ponto de referência para uma contínua e constante conversão, da qual o efeito é "uma inteira nova vida, verdadeiramente cristã, devota, humilde, caridosa – pobre, comedida, laboriosa" (*Diário*, pp.329-330). Tendo um elevado conhecimento da sua pecaminosidade e egoísmo, e ao mesmo tempo sentindo a necessidade e sabendo da importância da misericórdia de Deus, ele caminharia por esta estrada pelo resto de seus dias.

Nosso santo Fundador, cheio da graça da conversão, sentiu-se chamado a trazer alguns de seus companheiros da miséria espiritual para a Igreja. Nesse apostolado, enquanto fazia uso de inúmeros encontros e conversas, livros e periódicos, cartas e "anotações rabiscadas", ele não esquecia de rezar por aqueles que estava salvando. O lema destas atividades podem ser expressas na resolução que escrevera: "Em todas as relações com as pessoas, devo procurar, com toda a minha alma, a conversão deles para Deus. E devo me colocar de lado […] desviar a atenção deles de mim" (ACRR 8563/336).

Como filhos espirituais de Deodato Jański e sabendo que conversão é um processo que perdura toda a vida (cf. CCR 1), não deveríamos nós cultivar mais a necessidade de ordenar nossos sentimentos, nossas vontades e os nossos pensamentos? Não deveríamos procurar mais por aqueles que estão perdidos, feridos e desiludidos, mostrando-lhes o caráter e o modo de ser do nosso Fundador? Não deveríamos rezar mais frequentemente e com mais fervor pela sua elevação aos altares, para que ele possa interceder pela renovação e consolidação das relações entre Deus e as pessoas?

2. Da Terra Natal para uma Terra Estrangeira

O Ano da Vida Consagrada questiona-nos sobre
a fidelidade à missão que nos foi confiada.
(Francisco, *Carta Apostólica*, I, 2)

Eventos históricos importantes determinaram que o lugar do nascimento de uma Congregação fundada por poloneses fosse a capital da França – Paris. E assim, não somente Deodato Jański, Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiewicz, mas toda a geração fundadora (José Hube, Alexandre Jełowicki, Carlos Kaczanowski, Eugênio e Luis Funcken, Vicente Barzynski) deixou a terra natal e se encontrou *de facto* em uma terra estrangeira para eles, mas que mesmo assim lhes fora também uma terra amigável e hospitaleira. A propósito, nenhum dos primeiros Ressurreicionistas trabalhou no seu próprio país. Todos eles, dispostos a ir até os confins da terra, magnanimamente partiram para onde foram mandados. Dominados pelo zelo apostólico, eles promoveram o Evangelho da esperança e o cuidado pastoral organizando estruturas e comunidades de fé e criando institutos caritativos, educacionais e pedagógicos. Desde o início, eles estavam particularmente interessados no trabalho de cooperação e de formação dos leigos, como também com a educação vocacional e a preparação de bons pastores.

Além disso, como religiosos, eles estavam assumindo a liderança no trabalho de divulgação da fé e formando novas comunidades eclesiais, desde que "a missionaridade está inscrita no coração de toda forma de vida consagrada" (*Vita Consecrata*, 25). Missionaridade significa prontidão para ir, servir, dar testemunho, proclamar Cristo, difundir a cultura cristã, praticar trabalhos de caridade e ser solidário com o pobre.

Não deveria este fato sintomático da história da nossa Congregação renovar em nós uma fundamental disposição a obedecer aqueles que têm a autoridade para nos enviar em nome de Cristo? Isso não deveria nos inspirar uma maior sensibilidade à vontade de Deus, uma abertura à novos horizontes? Não deveríamos confiar mais no Espírito Santo, que deseja continuar realizando grandes coisas conosco?

3. Para o Mundo, mas Não do Mundo

Só com esta atenção às necessidades do mundo e na docilidade aos impulsos do Espírito é que este Ano da Vida Consagrada se tornará um autêntico kairòs, um tempo de Deus rico de graças e de transformação.
(Francisco, *Carta Apostólica*, II, 5)

Quase todos os primeiros Ressurreicionistas vinham da difusa insurreição do movimento nacionalista do partido da doutrina do livre-arbítrio, e estando em exílio, entraram diretamente no meio de uma fervente vida política-revolucionária. Não obstante isso, eles tentaram estabelecer fronteiras entre o mundo e o espaço recluso deles. Eles também tomaram o cuidado de estar acima de qualquer divisão e de não se associarem a nenhum partido político. Deodato Jański, em uma de suas cartas, já fizera "uma solene declaração": "Nós não pertencemos a nenhum partido político nem praticamos algum tipo de ação para algum partido; também não temos nenhuma afiliação humana particular. Somente em Cristo, nosso Senhor, no seu divino ensinamento e na sua santa Igreja se encontra tudo para nós" (ACRR 8541/275-276). Esta afirmação aparece também em outros registros: "Repito, não nos alinhem a partidos, especialmente me [...] Nós aconselhamos todas as pessoas que estão com ele e próximos dele a não entrar em nenhum partido político, nem democrático nem aristocrático, porque em ambos dominam a velha inspiração, modos de pensar não cristãos". (*Carta a Valério Wielogłowski*, Biblioteca PAN de Cracóvia, sygn. 1835, k.11-12).

Relembrando esses eventos, pensamos na experiência de "tensão entre secularismo e autêntica vida de fé, entre a fragilidade da própria humanidade e o poder da graça" (*Partir de Cristo*, 12). De um lado, para preservar nossa identidade, devemos não nos assemelhar ao mundo: do outro lado, para sermos fiéis à missão de Cristo, devemos ir ao mundo e ouvir atentamente suas vozes. Isso significa que devemos ser sensíveis a doenças e às necessidades do mundo: devemos buscar respostas a partir do espírito do Evangelho para as novas questões que surgem ao nosso redor.

Não é necessário que nossa vida e nossas palavras proclamem em modo mais convincente os valores Evangélicos da pobreza, da castidade e do serviço, como um antídoto à perene tripla concupiscência: a ganância por riqueza; a luxúria do prazer e o idolátrico culto do poder? Lembramos de nos abrir ao mundo e de proteger "aquela 'cela do coração', onde cada um é chamado a viver a união com o Senhor"? (*Vita Consecrata*, 59) Não deveríamos frequentemente fazer uma auditoria da qualidade e do conteúdo das nossas pregações e daquilo que ensinamos?

4. Na Igreja e pela a Igreja

Ninguém constrói o futuro isolando-se,
nem contando apenas com as próprias forças,
mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão.
(Francisco, *Carta Apostólica*, II, 3)

Deodato Jański, tendo retornado para a Igreja Católica, pacientemente formou uma sensibilidade eclesial em seus discípulos. Infelizmente, o contexto político não favoreceu isso, porque a Insurreição de Novembro fora condenada por Gregório XVI em 1832, depois do que, a confiança dos poloneses na Santa Sé ficou severamente enfraquecida. Durante todo esse tempo, Jański estava pensando: "Ainda não somos suficientemente unidos a Cristo, ao Papa, à unidade dos Católicos, o que, no evento de um conflito, devemos resolver" (*Diário*, p.597). Em nome desta solicitude pela unidade, ele formulou, no domingo de Pentecostes de 1839, a seguinte inspiração e detalhada norma: "Um bom católico escuta o Papa até mesmo em questões não dogmáticas e mesmo que o comando não tenha sido feito como deveria. Ninguém deveria ir contra este comando até que venha desdito ou, ao menos, se tenha uma permissão especial" (*Diário*, p.475). Este tipo de formação produziu frutos imediatos na forma de um serviço especial pelo ministério de unidade. Semenenko e Kajsiewicz, ainda come seminaristas, informavam Roma a respeito do estado da Igreja sob ocupação e, ao longo do anos, se tornaram "embaixadores" extra-oficiais dos negócios de Estado da Polônia e do leste europeu. Pe. Pedro Semenenko, com seus talentos especiais, gozava de autoridade de ensina-

mento e era animadamente engajado no trabalho de prestigiosos dicastérios e órgãos do Vaticano. Esta atividade dos Ressurreicionistas daquele tempo recebeu uma larga cobertura em solo polonês, como notou um dos mais ativos irmãos externos daquele tempo, Valério Wielogłowski: "Todos os procuram como nossos advogados junto à Santa Sé e os vêm como modelo de sacerdócio – podemos dizer que através deles, Roma reviveu para nós [...] Com alegria soubemos que nosso amado Papa veio a se interessar por nós e intercede por nós em suas santas orações" (*Carta do Dia 06 de Setembro de 1847*).

Relembrando com orgulho aquele compromisso, percebemos que "como membros da Congregação, somos religiosos na Igreja e para a Igreja" (CCR 11). Isso significa que outra distinta característica de nossa identidade é um *sentire cum Ecclesia*, "obediência aos nossos bispos, especialmente ao Romano Pontífice", uma frutuosa e harmoniosa colaboração nas igrejas particulares, entre os vários institutos de vida consagrada e com os leigos. Este significante papel deriva do fato que a Igreja nos quer como religiosos para sermos verdadeiros especialistas de comunhão, vivendo diariamente desta espiritualidade (cf. *Vita Consecrata*, 46-49).

Não deveríamos nos sentir mais responsáveis pela Igreja e amá-la mais e mais – tal como ela é? Não deveríamos, com maior coragem, ir além das fronteiras da nossa Congregação para realizar projetos apostólicos em um modo colaborativo? Estamos em comunhão com outros? Estamos abertos ao diálogo, à escuta e à assistência mútua?

5. Todos os Dias com Ardor

A pergunta que somos chamados
a pôr [...] é se o Evangelho é verdadeiramente
o "vademecum" para a vida de cada dia e para
as opções que somos chamados a fazer.
(Francisco, *Carta Apostólica*, I, 2)

Nossos fundadores, apesar das difíceis condições materiais e dos obstáculos encontrados ao longo do caminho vocacional, eram zelantes

entusiásticos das coisas de Deus: com paixão adquiriam sabedoria, com generosidade e sensibilidade saiam caridosamente para ajudar, com paciência construíam a comunidade, com fervor proclamavam Cristo. Fascinados pelas oportunidades conferidas pelo Sacramento da Ordem no grau do presbiterado, eles queriam partir o mais rápido possível, com os corações cheios de zelo e entusiasmo, para trabalhar na vinha do Senhor: "Deus agora está desatando nossas mãos para o trabalho. Elevemos nosso espírito a Ele. Purifiquemos nossas intenções, para que sejam claras como a luz do dia diante do olhar Dele. Os nossos peitos suscitem Seu amor em nossos corações, somente o bem dos irmãos, somente aquilo que é bom!" (Pedro Semenenko, *Cartas*, Vol. 2, p.339). Em nome do mandato de Jesus: "Ide em todo o mundo" (Mc 16,15), eles atravessaram as fronteiras de povos, línguas, culturas, fé e religiões.

Viver o presente com paixão é acima de tudo admirar sempre mais profundamente Cristo e a humanidade, e escutar atentamente aquilo que o Espírito Santo está dizendo hoje. Ele nos diz aquilo que nos tem dito sempre: para viver radicalmente e sinceramente, para termos em nós os mesmos sentimentos de Jesus e para ir ao mundo com coragem. Pessoas repletas do poder do Espírito Santo não têm medo de riscos, não se retiram em posições de segurança, não se escondem atrás do anteparo do legalismo, mas, ao contrário, assumem totalmente e com confiança o desafio, dando testemunho, com humildade e alegria, de Deus, que nos amou por primeiro. De fato, "a imaginação do amor" não conhece fronteiras. Ela pode abrir muitos novos caminhos para levar a humanidade à atmosfera do Evangelho.

Não deveríamos nós, – como fizeram os nossos Fundadores – nos apressar em pegar o caminho do radicalismo evangélico, colocar mais esforço na adesão plena à Cristo, para que sejamos capazes de dizer com São Paulo, "Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim" (Gl 2,20)? Somos capazes de nos identificar com a situação de uma outra pessoa, assim que nos alegremos com aqueles que se alegram e choremos com aqueles que choram (cf. Rm 12,15)? Ser Ressurreicionistas nos traz alegria, felicidade e realização?

6. Esperança para com o Amanhã

Encontrareis a vida dando a vida,
a esperança dando esperança,
o amor amando.
(Francisco, *Carta Apostólica*, II, 4)

Relembrando o contexto histórico acima, que está à base da nossa identidade, não podemos permanecer no nosso hoje só esperando que chegue o amanhã. O presente – visto puramente com olhos humanos – não inspira muito otimismo. Juntamente com outras pessoas consagradas, sentimos a diminuição do número de vocações e o envelhecimento da comunidade. Por isso, temos nos visto obrigados a renunciar à administração de alguns apostolados e temos perdido outros por causa de mudanças sócio-políticas. Nossa força apostólica tem se enfraquecido, e em alguns casos também a nossa credibilidade, a causa de frustrações e decepções pessoais, de escândalos causados pela fraqueza pessoal e pela falta de fidelidade, a causa de um individualismo feroz, da procura por sucesso e da pessoal realização a todo custo. Somos todos afetados ou até mesmo feridos pela cultura contemporânea marcada pelo liberalismo, consumismo, relativismo, egoísmo, pelo mundo virtual, pela informação tecnológica, mídia, eletrônica veloz, prazer, entretenimento e cultura do corpo.

Da outra parte – olhando com os olhos da fé – vemos vários sinais de esperança, os quais "não são fundamentados em estatísticas ou obras, mas Naquele em quem colocamos nossa confiança (cf. Tm 1,2); Naquele para quem "nada é impossível" (Lc 1,37) (Francisco, *Carta Apostólica*, I, 3); Naquele que adotamos como nosso modelo, vivendo numa sempre mais íntima união com Ele (cf. CCR 5). A consciência da presença do Senhor Ressuscitado nos leva a olhar com esses olhos a inteira complexa realidade na qual vivemos hoje para considerar como Seu dom a inteira complexidade do presente no qual vivemos, e – assim parece – vê-la de maneira mais penetrante, clara, profunda e crítica. Queremos nos apoiar mais na Sua ajuda e patrocínio do que em nossas próprias forças, que sempre serão pequenas demais em relação às expectativas e tarefas que temos diante de nós. Esta insuficiência nos abre à genuína cooperação

com os leigos, que é tão claramente inscrita na nossa história. Na vida de comunidade, nos esforçamos por um melhor equilíbrio entre a instituição e a irmandade, entre a vida comunitária e a vida pessoal, entre a vida espiritual e apostólica. Apesar da simplicidade dos recursos humanos e materiais, estamos tentando criar raízes no solo africano, onde nossos coirmãos estão trabalhando com entusiasmo e colhendo os primeiros frutos da missão em Tanzânia. Provavelmente, cada um de nós reconhece outros elementos que trazem esperança para o futuro das Províncias e da Região.

Em conclusão, não podemos que nos colocar as seguintes questões: Pensamos que por nosso exemplo – por uma nova geração – outros virão; e tentaremos lhes transmitir os recursos de nossa herança, uma tradição saudável, nossa espiritualidade específica e o espírito Ressurreicionista? Ainda é possível que nós, "pequeno rebanho" que somos, podemos nos considerar profetas aptos a penetrar a história na qual vivemos e interpretar com espírito de fé os eventos nos quais temos participado? Como vivemos cada dia, em modo concreto (individualmente e comunitariamente), a nossa tarefa fundamental de sermos fermento bom, um fermento evangélico, um sinal profético na Igreja e no mundo?

***

Esta carta circular é um modesto complemento à *Carta Apostólica para a proclamação do Ano da Vida Consagrada*, na qual o Papa Francisco repetidamente nos encoraja a nos colocarmos importantes questões. Seguindo sua orientação, também tentei tocar questões referentes à nossa realidade. Ficaria muito contente se os coirmãos tentassem respondê-las "no pequeno âmbito de seus corações" como também durante os encontros comunitários. Juntamente com o Papa Francisco, confio todos os nossos afazeres à Mãe de Deus, Nossa Senhora de Mentorella, cheia de graça e misericórdia, "a Virgem Maria, da escuta e da contemplação, primeira discípula do seu amado Filho" (Francisco, *Carta Apostólica*, III, 5). Olhemos para ela, confiemos no seu Filho, o Senhor Ressuscitado e, através das mãos dela, nos façamos disponíveis para Ele – sem reservas – nós próprios, nossos talentos e nosso futuro.

In Christo Redivivo,

Pe. Bernard Hylla, C.R.
Superior Geral

Roma, 15 de setembro de 2015
Festa de Nossa Senhora das Dores

1836 – 2011

RESURREZIONISTI